

## A retórica do pregador

Luiz Costa Pereira Junior<sup>1</sup>

**Resumo:** A retórica é a arte da persuasão, e cosmogonias religiosas são concebidas, em última análise, como modos excepcionalmente profundos de persuasão. O ponto de partida deste estudo é a percepção que o pregador tem uma linguagem distintiva, que toma como pressuposto de base a existência do sobrenatural.

**Palavras Chave:** Retórica. Pregador. Religiosidade. Filosofia.

**Abstract:** Rhetoric is the art of persuasion, and religious cosmogonies are designed, in the last analysis, as exceptionally thoroughgoing modes of persuasion. This study's departure point is the perception that preacher have a distinctive, that takes as its base assumption the existence of the supernatural.

**Keywords:** Rhetoric. Preacher. Religious. Philosophy.

O pregador levanta o olhar, ergue as mãos num gesto teatral, recita textos sagrados a desfilar argumentos de fé enquanto encara um ponto no horizonte em direção aos fiéis, como se não enxergasse ninguém em particular, mas a todos de uma só vez. O ritual parece invariável desde sempre no Ocidente. Mas tem data de nascimento e a dúvida, bem atual, se não teria, também, prazo de validade.

A retórica religiosa ocidental mudou desde os tempos de pregação ao ar livre dos profetas. Na Palestina dos tempos de Cristo, por exemplo, o jeito de pregar dos sacerdotes e religiosos doutos era também ele um signo de identidade ante o dominador romano.

Parte dos pregadores e do público da época tinha afinidades espirituais judaicas na região, o que significava, muitas vezes intuitivamente e nem sempre de forma sistemática, demarcar diferença em relação à tradição argumentativa de Roma, quando se queria tratar um determinado assunto em público. Os historiadores concordam que as fórmulas retóricas da tradição greco-romana, da reflexão ordenada, expositiva e lógica, eram vistas com desconfiança por parte dos povos subjugados no Oriente, usadas que eram para ludibrio nos tribunais armados pela elite e nas justificativas para os éditos impostos pelas autoridades.

Ao modo dos sacerdotes orientais, dos rabinos e do próprio Jesus, os cultos eram fundados muito mais em narrativas, comentários textos sagrados e parábolas ou ditos proverbiais, que testavam saberes que integravam os adeptos, num estilo afinado à própria configuração das escrituras, marcadas que eram pela variedade de gêneros e estilos. Essa chamada homilia primitiva manteve sua influência nos primeiros cultos dos cristãos até o século III d.C.

---

<sup>1</sup>. Jornalista e escritor, é doutor em filosofia e educação pela FE-USP e editor da revista Língua Portuguesa (editora Segmento).

## Helenização

A necessidade de levar o evangelho a outros povos, que tinham os dominadores de Roma como referência ou simplesmente ignoravam as tradições judaicas, obrigou os primeiros sacerdotes da Igreja católica a, aos poucos, adotar elementos da retórica forense clássica (o discurso montado numa estrutura demarcada por introdução, apresentação ponto a ponto e conclusão-balanço do dito pelo discurso até aquele instante), a que muitos dos ouvintes estavam familiarizados. O processo foi posteriormente chamado por alguns como a helenização da homilia cristã.

Aos poucos, começou a cristalizar-se um ramo retórico especializado só em sermões, a homilética. Ela é a parte da retórica que se preocupa com a preparação e a apresentação do sermão ou discurso religioso. O termo, assim como “homilia”, vem do verbo *homileein* (estar acompanhado de) e do substantivo *homilos* (assembléia). Institucionalizada e internacionalizada, a Igreja ficava cada vez mais atenta a fórmulas de discurso, ao impacto das palavras sobre os católicos, à significação teológica e à delimitação rigorosa, porque pretendo incontestável, das afirmações que o clero fazia. Nesse contexto, Santo Agostinho (354-430) apresentou-se como o primeiro grande nome da cristandade a escrever o que se chamaria de um manual retórico, no quarto livro de *Da Doutrina Cristã*.

## Idade Média

A Inquisição mudou, se não a estrutura, a conotação argumentativa da homilética que se habituou praticar até o início da Idade Média. O texto padrão de um sermão do período muitas vezes se assemelhava a uma áspera peça de tribunal de acusação. Havia não tanto espaço, como antes, a um repertório de argumentos ancorado no debate sobre a comunhão entre as pessoas, numa tendência que, no entanto, não se mostrou necessariamente hegemônica.

Ainda no século XIII, São Domingos, fundador da ordem dominicana, dá apoio aos inquisidores, mas também é arguto o suficiente para notar a ineficácia persuasiva das ameaças indistintas contra heréticos e das exposições doutrinárias pré-moldadas em Roma para aplicação imediata nas mais distintas aldeias, independentemente do contexto cultural, da familiaridade dos leigos com a linguagem teológica e dos hábitos locais.

Domingos orienta, então, os de sua ordem a usar, como matéria-prima de suas pregações, o que anotassem nas ruas, os temas do boca a boca local, as credices populares, os boatos de membros da Igreja derrotando demônios, as fantasias espalhadas como vento sobre a vida dos mártires.

Iniciativas do gênero conviveram com a sistematização do discurso a ser posto em prática pelo clero. Ao longo desse período, configurou-se no seio da Igreja uma estratificação funcional das possibilidades retóricas do sacerdote, do discurso mais espiritualizado ao mais politizado a depender da finalidade pretendida: o sermão seria, assim, universalizante e catequizador, enfatizando uma verdade cristã como sendo comum à cultura humana, quando visava o aumento da influência cristã em relação a outras religiões; soteriológico, se o interesse era discutir especificamente a salvação dos fiéis; doutrinário, quando centrado na explicação e exegese do evangelho; engajado à vida comunitária, quando interessado em intervir pelos menos favorecidos.

A estrutura de um sermão se revela, então, um exercício de organização discursiva, que vai da escolha do assunto às divisões técnicas. A estrutura guia o desenvolvimento do discurso. Se o tema é, por exemplo, uma reflexão sobre um texto sagrado, o orador tende a deter-se sobre o texto, vincular a ele um tema de aplicação atual, pensar o contexto em que as ideias resultantes serão recebidas e, em seguida, definir um plano geral de apresentação dos argumentos.

### **Contra-Reforma**

A prática protestante daria ainda mais ênfase à pregação doutrinária, reafirmadora de princípios espirituais, enquanto a Contra-Reforma contra-atacava com trabalhos sistematizadores da oratória sobre o sagrado.

“Se a palavra de Deus é tão poderosa; se a palavra de Deus tem hoje tantos pregadores, por que não vemos hoje nenhum fruto da palavra de Deus?”, questionou padre Antonio Vieira, no *Sermão da Sexagésima*.

O jesuíta foi o primeiro grande nome radicado no Brasil a sistematizar os “mandamentos” da retórica religiosa, na verdade preceitos clássicos da oratória ainda hoje válidos. Em 1655, pregou na capela Real, em Lisboa, o *Sermão da Sexagésima*, em que apresentou um programa de sermão a quem, de fato, quisesse envolver os fiéis.

“Há-de tomar o pregador uma só matéria;  
há-de defini-la, para que se conheça;  
há-de dividi-la, para que se distinga;  
há-de prová-la com a Escritura;  
há-de declará-la com a razão;  
há-de confirmá-la com o exemplo;  
há-de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que hão-de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar;  
há-de responder às dúvidas,  
há-de satisfazer as dificuldades;  
há-de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários;  
e depois disto há-de colher, há-de apertar, há-de concluir, há-de persuadir, há-de acabar.  
Isto é sermão, isto é pregar; e o que não é isto, é falar de mais alto”.

### **Divisões do sermão**

Um sermão, explicou Vieira, deveria ser composto de *prólogo*, *argumentação* e *peroração*.

O *prólogo* é, por sua vez, fracionado em *tema*, *intróito* e *invocação*.

O *tema* é a justificativa da escolha da seqüência evangélica sobre a qual se quer fundamentar o sermão.

O *intróito* expõe o plano de execução do sermão, as ideias centrais que irá desenvolver.

A *invocação* é o momento em que o pregador pede inspiração divina para ser bem-sucedido.

Essas divisões dialogam, correspondem ou fundem a divisão de discurso para o orador da tribuna helênica e românica, conhecida por *exórdio* e *narratio*.

Na retórica clássica, o *exórdio* é o início do discurso, feito para ambientar o público e criar curiosidade, por sua vez subdividido em *proémio* (o “antes do canto”), um prelúdio para chamar atenção, e o *oimè* (o “canto”), o começo propriamente dito da história, o primeiro movimento que corta o silêncio.

Já a *narratio* é como os romanos e gregos chamavam a exposição, um colocar germes dos argumentos na relação dos fatos, preparando a chegada da argumentação.

A argumentação, para Vieira, é o corpo do sermão, propriamente dito. O esclarecimento do tema, o uso de exemplos, citações, circunstâncias, e a enumeração de possibilidades de causas e efeitos, e a lista de argumentos oponentes, assim como sua refutação. Equivale, na retórica clássica, ao *argumentatio*, o elenco das provas, miolo do discurso.

A peroração é, segundo Vieira, o momento em que se preparam as conclusões do que foi exposto. A retórica antiga integrava esse momento em duas partes, a *digressio* (uma digressão muitas vezes fora do assunto tratado, inserida pouco antes de encerrar-se a discussão) e o *epilogo* propriamente dito, a conclusão, que podia ser ao “nível das coisas”, retomando tudo o que foi dito e resumindo o que se quis dizer, ou ao “nível dos sentimentos”, quando o orador tira uma carta inesperada da manga.

## **Campo lexical**

Vieira representou um momento de maturidade do uso funcional da retórica religiosa, distante dos primeiros jesuítas que chegaram ao Brasil recém-descoberto pelos portugueses, encenando e cantando peças teatrais para catequisar os índios. A homilética passa a entender que a adesão deve confirmar ou consolidar-se em conversão, e a opinião de um sacerdote deve ser incorporada pelos fiéis como certeza. Daí o cuidado com a consistência ao sermão ser equiparado, e em algum momento sobrepor-se, ao grande teatro de emoções do pregador diante da platéia.

## **Diferenças**

Consolida-se a ideia de que a retórica religiosa distingue-se da secular ao perceber que os rituais são mais persuasivos quando se tornam celebração, quando quem o presencia não for apenas testemunha, mas participante deles. As mensagens rituais tendem a preparar o sujeito à imersão, ao desligar-se da realidade concreta para uma adesão incondicional. Uma hierarquização de procedimentos litúrgicos, permeada

por uma linguagem específica, sinaliza ao ouvinte que ele integra um dado círculo de iniciados.

O próprio campo lexical religioso, a seleção de palavras e sintaxes no contexto de fé, é usado para confirmar uma dada ideia de sagrado. Há palavras que são características ao meio, como “abençoar”, “adoração”, “louvar”. E a relação entre um pai e a servidão não se coloca nas linguagens menos impositivas e imperativas das religiões orientais, mas a mente monoteísta ocidental tende associar o nome de Deus aos de “absoluto”, “senhor” ou “pai”, por exemplo; pensa num fiel e a imagem acústica que tende a se impor é a de um cordeiro, um sacrifício ritual ou um servente. Todo o discurso religioso ocidental carrega, em seus genes, uma marca de coerção.

É nesse contexto discursivo que palavras pouco usuais no vernáculo cotidiano ganham circulação popular por terem como ponto de partida a retórica religiosa, como “fariseu”, “ungido”, “epístola”, “sodomita”, o uso abundante dos pronomes “vos” e “tu” (há de manter-se o recato em não se tratar Deus por “você”), termos obscuros à maioria como “concupiscência” e “denário”. Termos teológicos chegam à rua. “Onipotente” e “onisciente”, por exemplo, ganham sentidos aplicados fora do contexto religioso (“onisciente” é usado no jargão literário e do cinema, por exemplo; “onipotente” não se refere a um atributo apenas divino, mas a todo absolutismo).

O fiel assimila o vocabulário e os arcaísmos de sua igreja, habitua-se a eles, vincula àquele contexto a linguagem que interpreta sagrada. A linguagem empregada no cotidiano passa a ser tomada por profana, pois a arcaizante soa mais próxima do mistério e do divino.

## **Pregar hoje**

Linguagem autossuficiente, a religiosa é também autorreferente. O pregador dos dias de hoje atualiza um repertório em estruturas discursivas que intencionam a imersão do adepto na celebração. A depender do grau de envolvimento e concentração que se imagina ideal a uma platéia de fiéis, o pregador tende a optar entre:

1) sob pretexto de tratar de uma passagem de um texto sagrado, desenvolver os próprios raciocínios sobre o assunto (o que, de quebra, poupa trabalho de análise profunda sobre textos sagrados muitas vezes herméticos);

2) rerepresentar com suas palavras um texto sagrado, sem nada acrescentar ao que nele está dito;

3) apresentar o texto sagrado, extraindo dele interpretações válidas para o contexto daquela comunidade.

Mas pregar, na atualidade, não se esgota nem mesmo nas possibilidades oferecidas ao se trabalhar o discurso. Pregador tem sido cada vez mais uma atividade em mutação, talvez em retomada de outros elementos históricos da oratória religiosa, como a teatral.

As peças retóricas feitas para arregimentar devotos em torno de uma verdade de fé diversificaram-se desde a entrada em cena dos espetáculos rituais pentecostais e carismáticos. Há hoje, em particular no cristianismo, uma reação à helenização da homilia, agora esvaziada do apego à autoridade das escrituras, o que marcou os primeiros cristãos. A influência dos atuais meios de comunicação, do consumismo e do desejo de satisfação imediata das carências explora, no contexto religioso, a tensão entre o que se estimula querer e o que de fato se pode ter.

Embora sempre presentes em maior ou menor grau nos rituais ocidentais urbanos, itens do espetáculo, do canto e do teatro, começam a ser tratados com igual ou maior importância nos templos evangélicos e católicos – ou mesmo à rua, com pastores empunhando bíblias, nem sempre cercados por ouvintes. Não raro, a ênfase é no entusiasmo de braços erguidos e no envolvimento catártico dos fiéis. Os discursos assumem tons inflamados, sem lugar para o recato compenetrado e para o silêncio da oração. A estrutura discursiva tradicional cede a interrupções para a interação dos adeptos, com depoimentos, louvações espontâneas ou manifestações de choro ou riso.

Na fé primitiva, o conhecimento ritual não tendia a se dar, evidentemente, por escrito. A novidade do Oriente Médio foi a fé no livro e, com ela, veio a configuração do discurso ritual, que o Ocidente esquematizou numa liturgia em parte devedora da estruturação oratória clássica. A retórica se firmou, nas religiões que dão peso ao verbo, como um campo importante de construção da religiosidade.

Hoje, a tensão entre pregar e expor pode estar na base de um dilema que tem dividido os oradores religiosos contemporâneos. A experiência religiosa, intransferível, foi, é e continuará sendo individual. Mas ao ser comunicada, ao ser partilhada em comunidade, toda experiência mística segue um princípio de persuasão.

Religião, afinal, é linguagem.

Recebido para publicação em 04-04-13; aceito em 06-05-13